

Brasil e seus vizinhos

O ufanismo megalomaniaco dos anos 70, quando o nosso “milagre” assombrava o mundo, fez com que os parâmetros usados pelos brasileiros, donos então da oitava economia do mundo, fossem sempre os Estados Unidos ou mesmo a Europa. Fosse o assunto que fosse, a comparação era sempre com os indicadores norte-americanos ou de países europeus. Hoje, quando se sabe que não houve milagre nenhum, e sim um colossal inchaço, um falso crescimento calcado num endividamento externo que mais tarde se mostrou devastador, os brasileiros estão mais modestos. Comparam agora o desempenho do País com os vizinhos mais próximos — Chile, Venezuela e Argentina — e ficam espantados com o que descobrem. Em 1992, por exemplo, o Produto Interno Bruto brasileiro caiu 1 por cento, enquanto o do Chile crescia 10 por cento, contra 9 por cento de Argentina e Venezuela. O Brasil, ano passado, no continente latino-americano só conseguiu superar Haiti, Barbados e Peru.

A medida que o País se mostra incompetente na luta contra a inflação — batalha disputada e ganha, em prazos muito curtos, por todos os nossos vizinhos —, cresce assustadoramente a dívida social. E o Brasil despenca em todos os indicadores que medem a qualidade da vida no continente. Comparativo com os dados mais recentes mostra que o Brasil, em itens como mortalidade infantil, taxa de analfabetismo e expectativa de vida, só consegue superar, e por pequena margem, a Bolívia e o Peru, este devastado por uma guerrilha sangrenta e aquela uma nação de parques recursos naturais.

Uma série de desacertos transformou, em poucos anos, o Brasil de paraíso em in-

ferno para os investimentos estrangeiros. Governos autoritários criaram condições para que os recursos do País continuassem a ser dilapidados em obras faraônicas e inútuas enquanto o mundo todo puxava o freio de mão dos gastos por conta da brusca elevação do preço do petróleo. A censura aos meios de comunicação calou as vozes dos que se aperceberam do criminoso processo que nos trouxe à desconfortável posição, que hoje ocupamos, de liderança entre as nações com pior distribuição da riqueza do planeta. Os mais ricos das regiões mais prósperas do Brasil têm renda superior à dos ricos das nações centrais. De outro lado, nossos miseráveis vivem em condições piores que os habitantes das nações mais pobres da África.

Dessintonizado do que se dá no resto do mundo, inclusive nos países recém-libertos do comunismo, o Brasil ainda se mostra lento na adoção de medidas mundialmente tomadas, como, por exemplo, a privatização das empresas estatais, ruínas vivas dos anos de furor nacionalista. Paternalista, incompetente, formalista e gigantesco, o Estado brasileiro reluta em cortar seus gastos, mas é generoso ao destinar mais de 60 por cento de sua receita para manter girando a roda da especulação. De outro lado, setores importantes do empresariado, mal-acostumados pelos anos em que a xenofobia lhes proporcionou um mercado cativo, preferem fazer dinheiro com jogo de estoques ou com a elevação preventiva de preços e não com o aumento de produtividade. Por isso, não é de surpreender a nossa folgada supremacia continental no que diz respeito à inflação. Registramos 1.157 por cento em 1992, contra 23 por cento da Argentina, a segunda colocada.